

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins

Maria Zilah Sales de Albuquerque

Carlos Alberto dos Santos Bezerra

André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO

Melina Teixeira Souza

Universidade Federal Fluminense
Niterói - RJ

THE PRINCIPLE OF CHARITY IN THE
INSTITUTIONAL SPEECH OF THE SISTERS
OF ST. VICENT DE PAUL'S

RESUMO: Com o propósito de fundar o primeiro colégio feminino do Império em Minas Gerais, as Filhas da Caridade enfrentam meses de travessia marítima de Paris até o Rio de Janeiro e prosseguem viajando a cavalo. Irmã Dubost começa um diário de bordo e, ao chegar ao seu destino, prossegue escrevendo: envia correspondências mensais para os superiores franceses. O intuito de estudar a produção autorreferencial da religiosa motiva a análise da abordagem do princípio da caridade em um dos textos alicerçadores da confraria, as *Conferências às Filhas da Caridade*, escritas por São Vicente de Paulo, além de proporcionar a reflexão teórico-metodológica sobre a escrita de si, e suas implicações com o individualismo moderno. A investigação revela que dentre as delimitações identitárias mobilizadas pelo ato autobiográfico, o pertencimento à congregação se sobressai, o princípio da caridade une as freiras em torno das estratégias e desafios em sua jornada no Novo Mundo.

PALAVRAS-CHAVE: escrita de si; caridade; vicentinas, vida religiosa feminina.

ABSTRACT: With the purpose of founding the first girls' school of the Empire in Minas Gerais, the Daughters of Charity face months of sea crossing from Paris to Rio de Janeiro and continue traveling on horseback. Sister Dubost begins a journal and, upon reaching her destination, keeps on writing: she sends a monthly correspondence to her French superiors. The purpose of studying the religious woman's self-referential production motivates an analysis of the approach of the principle of charity in one of the founding texts of the confraternity, *Conferences to the Daughters of Charity*, written by Saint Vincent de Paul, besides enabling a theoretical-methodological reflection on self-writing and its implications, under the modern individualism. The investigation reveals that, among the identity delimitations mobilized by the autobiographical act, belonging to the congregation stands out: the principle of charity unites the nuns around the strategies and challenges of their journey in the New World.

KEYWORDS: self-writing; charity; Vincentians, women's religious life.

1 | A CHEGADA DAS FILHAS DA CARIDADE E A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PROVIDÊNCIA

A Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo fundou sua primeira casa brasileira em 1849, em Mariana, Minas Gerais, após longa travessia do grupo de religiosas francesas, iniciada em Paris e marcada pela viagem a cavalo pelo interior, partindo do Rio de Janeiro até a chegada em Minas. O então bispo de Mariana, religioso da Congregação da Missão, Dom Antônio Ferreira Viçoso, era natural de Peniche, região próxima a Lisboa, e caracterizava-se por uma trajetória eclesiástica atrelada ao empenho no incremento da educação em solos tupiniquins, estando à frente da fundação e reforma de diversos estabelecimentos de ensino (ROCHA, 2008, p. 77). O comprometimento do prelado na vinda das Filhas da Caridade ao Brasil representa uma iniciativa pioneira no tocante à instrução das mulheres, pois tal presença resultou na fundação do primeiro colégio religioso feminino do Império, o Providência, tratando-se, igualmente, de marco salutar na história da vida religiosa feminina, haja vista que até então, só se conhecia no país, a forma enclausurada de vida religiosa.

Consciente da densidade do encargo, Irmã Dubost, madre superiora da congregação no Brasil, começa um diário de bordo na travessia marítima, e, ao chegar a seu destino, prossegue escrevendo: envia correspondências mensais aos superiores franceses nos primeiros dez anos de estabelecimento do colégio Providência. A freira serve como porta-voz das expectativas de seus líderes na França: “dir-se-ia que elas [esperanças de êxito na missão] faziam parte do Conselho do Senhor numa antevisão das abundantes bênçãos que seriam derramadas sobre o povo do Brasil. Não sejam meus pecados obstáculos a essa expectativa” (DUBOST, 1999, p. 12). Irmã Dubost registra a intenção de enviar seu relato posteriormente aos seus Superiores em Paris, com a seguinte solicitação: “queria suprimir o que achardes em excesso e abençoar meu trabalho para que, começado por obediência, continue do mesmo modo com toda a simplicidade que caracteriza os verdadeiros filhos de São Vicente” (DUBOST, 1999, p. 10), mensagem que não deixa dúvidas quanto à expectativa de leitura da escrita da freira concentrar-se, sobretudo, em seus próprios pares. O propósito de investigar a produção autorreferencial da freira Dubost resulta no interesse no contexto de instituição da ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, buscando entender as circunstâncias e particularidades da fundação da confraria, as quais desnudam as especificidades da organização religiosa, pioneira na rejeição ao claustro e aproximação dos problemas mais cotidianos dos fiéis católicos. Após tal análise, pretende-se ensaiar uma sucinta reflexão teórico-metodológica sobre a escrita de si, e suas implicações com o individualismo moderno.

2 | CONTEXTO DE FUNDAÇÃO DA CONFRARIA VICENTINA: O PRINCÍPIO DA CARIDADE

A Companhia das Filhas da Caridade, instituída em Paris em 1633 pelo padre Vicente de Paulo, em parceria com a viúva Luísa de Marillac, distinguiu-se pela inclinação à vida prática, ativa e dialógica de seu fundador, além de se destacar pelo embasamento em “pobres aldeãs”. Tal proposição foi explicitada em muitas das *Conferências às Filhas da Caridade*: trata-se o documento de um compilado de orientações, a maioria organizada em forma de diálogo entre o religioso e as freiras, e grande parte delas registrada pela sua companheira Luísa de Marillac, primeira madre superiora da congregação e posteriormente tornada santa. Naquela intitulada *Imitação das meninas do campo*, Vicente de Paulo afiança:

Falar-vos-ei com mais gosto das virtudes das boas aldeãs, devido ao conhecimento que delas tenho, por experiência e por natureza, sendo filho de um pobre lavrador e tendo vivido no campo até a idade de quinze anos. [...] Não há nada que valha as pessoas que têm verdadeiramente o espírito dos camponeses; em parte alguma se encontra mais fé, mais recurso a Deus nas suas necessidades, mais gratidão a Ele na prosperidade. (PAULO, 1952)

Padre Vicente de Paulo dedica longas meditações às virtudes que encontra nas meninas do campo: simplicidade, humildade, sobriedade, pureza de espírito, modéstia, pobreza e obediência. Ao tratar da virtude da pobreza, declara:

Deveis praticá-la nesse ponto: não vou preocupardes com o futuro: fazer as vossas despesas durante todo o ano como de costume e, se vos sobrar alguma coisa, trazê-la para Casa, para ajudar a formar Irmãs para servir os pobres. Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos; o que sobre pertence ao serviço dos pobres. Ó minhas Filhas, já ouvistes alguma vez dizer que Deus escolheu os pobres para os fazer ricos em fé? E que será essa escolha feita por Deus das meninas de aldeia? Até agora todas as meninas chamadas ao serviço de Deus eram filhas de famílias e ricas. Quem sabe, minhas Filhas, digo eu, se Deus, chamando-vos para Sua glória ao serviço dos pobres, não terá querido, na sua bondade, experimentar a vossa fidelidade, mostrando o seguinte: que Deus escolheu os pobres para os tornar ricos em fé? (PAULO, 1952, p. 57)

Nota-se que o líder espiritual da confraria apregoa o caráter virtuoso da pobreza, impondo uma política restritiva às necessidades materiais das freiras em benefício da comunhão com o sofrimento dos pobres. Tal panorama mostra-se essencialmente distinto da lógica protestante que distanciava caridade e remissão dos pecados. No entanto, o discurso institucional vicentino diferenciava-se, da mesma forma, do entendimento comum na história do catolicismo, evidenciado por Max Weber, segundo o qual “a esmola é tão absolutamente necessária para que o rico alcance a bem-aventurança que os pobres são considerados quase um “estamento” especial e indispensável dentro da Igreja” (WEBER, 2009, p. 388), já que eleva a virtude da pobreza quando constrói a corporação com base na opção assumida por moças

pobres, em detrimento da preferência comum das demais ordens religiosas por “filhas de famílias e ricas”, associando pobreza não apenas a sacrifício, mas à predileção do criador, e imputando um caráter positivo ao pauperismo. Parece que o padre Vicente de Paulo é bastante consciente do pioneirismo da Companhia, visto que afirma: “desde as mulheres que serviram o Filho do Deus e aos Apóstolos, não se fundou na Igreja nenhuma instituição com esse fim” (PAULO, 1952, p. 10). Em outra passagem, Vicente de Paulo chega a condicionar o interesse de moças provenientes de “famílias mais distintas” de compor a confraria, à sua adequação às festejadas virtudes das meninas aldeãs:

Se se apresentar alguém de família mais distinta, com o desejo de entrar na vossa Companhia [...] é preciso que seja para viver, de corpo e de espírito, com as meninas que tem verdadeiramente as virtudes das da aldeia, assim como a nossa grande santa Genoveva, hoje tão honrada pela sua simplicidade, humildade, sobriedade, modéstia, obediência, e todas as outras virtudes que vemos nas boas aldeãs. (PAULO, 1952, p. 60)

Além dessa consideração da pobreza, o discurso institucional vicentino reserva atenção especial à premissa da caridade. Divagando sobre os desígnios particulares de cada ordem religiosa, Vicente de Paulo anuncia:

O seu fim, na instituição dos Capuchinhos, foi o de formar homens que ensinassem a penitência pelo seu exemplo; suscitou os Cartuxos para honrar a sua solidão e cantar os seus louvores; os Jesuítas para levar a vida apostólica; e assim de muitos outros. Falta-nos, pois, ver os desígnios de Deus na nossa instituição. [...] A Providência permitiu que a primeira expressão das nossas regras seja esta: “a Companhia das Filhas da Caridade está estabelecida para amar a Deus, servi-lo e honrar a Nosso Senhor seu Amo, e a Santíssima Virgem”. E como O honrareis vós? A nossa regra voz diz, continuando a fazer-vos conhecer os desígnios de Deus na nossa instituição: “para servir os pobres doentes corporalmente, administrando-lhes tudo o que for necessário; e espiritualmente, procurando que vivam e morram em bom estado. [...] São Paulo nos ensinou: dai os vossos bens aos pobres, se não tiverdes Caridade, nada tereis feito; não ainda mesmo que dêsseis a vossa vida. [...] Assim, a vossa intenção, indo para a Caridade, deve ser ir puramente pelo amor e satisfação de Deus, e, enquanto nela permanecerdes, todas as vossas ações devem tender para esse mesmo amor. (PAULO, 1952, p. 12-13)

O vocábulo “caridade” é constantemente mencionado nas Conferências com a inicial maiúscula. Observa-se que, mais que um dos preceitos fundadores do instituto vicentino, a caridade encontrava-se no centro de tudo que envolvia a ordem: Vicente de Paulo era chamado de “sua Caridade”, palavra também utilizada para se referir às freiras e a confraria de forma geral. Ao explicitar o regulamento em sua primeira conferência, em 1634, ano posterior ao da edificação da Companhia, padre Vicente aborda as medidas necessárias para a longevidade do grupo, sendo a primeira a constante oração a Deus pelo futuro das religiosas, citando logo em seguida, a observância da regra de se viver em comunidade sempre com “cordialidade e caridade”: “Nosso Senhor disse aos Apóstolos: ‘[...] se quiserdes o que desejo desde

toda a eternidade, conservai-vos em grande caridade' [...], sois fracas é verdade, mas suportais às imperfeições das outras". Além disso, Vicente de Paulo faz menção à disposição para viver em distintos locais sem se enraizar, ao despego em relação à família, e à necessidade de fazer o retiro anual e de prestar conta mensalmente à superiora geral designada a cada agrupamento (PAULO, 1952, p. 7).

O roteiro esboçado para orientar o bom funcionamento da Companhia, como trechos de diversas conferências, denunciam a indissociabilidade entre o princípio estruturante da caridade e a propagada união vicentina, acrescentando-se à prescrição de sucesso variáveis como o desapego de pessoas e lugares e a subserviência à autoridade institucional imediata. Ora, fazer parte de uma organização tão pioneira no questionamento de um dos pilares da concepção em voga de "vida religiosa", o claustro, deveria pressupor um pertencimento institucional fortificado. Se para a confraria a caridade é salutar e seu efetivo exercício presume a busca do contato com os desvalidos, é necessário que haja uma sólida unidade das irmãs em torno da congregação, para se afastar o risco do esvaziamento doutrinal avizinjado pelo desenraizamento espacial. O objetivo do patrono vicentino é que as freiras, ao diferenciarem-se de outras congregações, mantenham-se fortemente conjugadas. A conferência Sobre a Caridade mútua e o dever da reconciliação, datada de 1658, mostra-se esclarecedora:

Lembrar-se-ão do nome das Filhas da Caridade que têm, procurando tornar-se dignas dele, por um santo amor a Deus e ao próximo. Sobretudo viverão muito unidas entre si, nunca murmurarão, nem se queixarão uma das outras, afastando prontamente todos os pensamentos de ódios que sentirem contra suas irmãs. (PAULO, 1952, p. 7)

Para Vicente de Paulo, a caridade é "uma espécie de vestido nupcial que adorna a alma e sem o qual não se pode ser agradável a Deus", isto é, envolve tudo o que se refere à prática religiosa e à Companhia, além de ser indissociável ao princípio da união institucional.

3 | A RELEVÂNCIA DA ESCRITA DE SI NA MODERNIDADE

O diário de bordo produzido por freira Dubost, assim como o conjunto de correspondências enviadas por ela aos seus superiores em Paris na primeira década de existência do Providência, possuem notável valor enquanto raros exemplares de escrita autorreferencial feminina no XIX, ainda mais tendo-se em vista que os diários escritos por mulheres foram muito mais comuns em países protestantes (MELLO apud GONÇANVES, 2015, p. 105). Assim, é mais que bem-vindo poder contar com fontes que reconstituam a versão das próprias mulheres a respeito de sua história, o que explica o ineditismo e a conseqüente valorização da produção autobiográfica de irmã Dubost. Os canais de expressão das mulheres nos séculos XVIII e XIX ainda eram

bastante restritos, ainda mais tratando-se das religiosas.

No artigo que abre uma coletânea que se propõe incitar reflexões acerca da nomeada “produção de si” (leia-se cartas, diários íntimos e memórias) para o ofício historiográfico, a pesquisadora Ângela de Castro Gomes chama atenção para o que denomina “boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico”, ou seja, o vigoroso crescimento do gênero dentro do mercado editorial, alavancado pela ânsia dos leitores em devorar uma escrita de tom confessional. A publicação organizada pela historiadora já completa mais de uma década e o que se observa no mercado editorial brasileiro é a confirmação de tal tendência, e até mesmo o seu recrudescimento. Contudo, no campo da História, mesmo que a escrita de si tenha sido constantemente utilizada como fonte de investigação, cabe acrescentar que a sistematização de um arcabouço teórico-metodológico para dar conta das especificidades deste tipo de produção ainda está em processo de construção pelos historiadores. Pioneira neste esforço, Ângela de Castro Gomes pondera que, mesmo que a escrita autorreferencial seja praticada desde a Antiguidade, ela se cristaliza em consonância à constituição do individualismo moderno: “é esse o sentido da feliz observação de Levillain, quando assinala que, se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a ideia de que a vida é uma história, é mais recente” (GOMES, 2004, p. 07).

A pesquisadora Hannah Arendt identifica o fenômeno da “ascendência da esfera social”, a partir da consolidação do Estado Nacional moderno. Sob tal prisma, a esfera social foi acrescida à esfera da vida privada, lócus da família e da solução das necessidades da vida biológica, e à esfera pública, terreno da política por excelência, delimitação presente ao menos desde a *pólis* grega. A novidade moderna é que a privacidade foi contraposta à recém-chegada esfera social, e não à esfera pública (ARENDR, 1987, p. 37). Arendt assevera que o iluminista Jean-Jacques Rousseau considerava tanto o social quanto o íntimo “formas subjetivas da existência humana”, sendo que a intimidade não possuía um espaço tangível, devendo ser poupada, protegida da “insuportável perversão do coração humano pela sociedade”. Assim nasce o indivíduo moderno, irrompido por conflitos, entrecortado pela “incapacidade de sentir-se à vontade na sociedade ou de viver completamente fora dela” (ARENDR, 1987, p. 48-49).

Prosseguindo sua investigação, Arendt esmiúça o significado do termo “público”, relacionando-o ao encantamento do ser humano pela aparência, “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos”, e associando aparência e realidade. O que escapa a essa noção de aparência, o que pertence a uma dimensão reputada ao “interior” do indivíduo, os pensamentos, sensações, sentimentos, estariam condenados a um tipo de “existência incerta e obscura”, condicionando-se a um processo de transformação, de “desprivatização” e “desindividualização” para enfim atingir à esfera pública, onde poderiam existir efetivamente (Arendt, 1987, p. 50-60). Arendt cita a narração de histórias como a mais comum dessas transformações, estabelecendo então, uma conexão com as práticas de escrita de si. Não é sem motivo que entre

meados do século XVIII e fins do XIX testemunhe-se a emergência da poesia, da música, e sobretudo do romance moderno, o qual Arendt trata como a “única forma de arte inteiramente social”.

A conclusão a que Arendt chega afinal é a que, no tempo presente pode-se observar a pungente dilatação da esfera social em prejuízo das esferas privada, pública e até mesmo da mais recente zona da intimidade. Nessa perspectiva, a esfera pública sobrevive apenas como função da esfera privada, a qual, por sua vez, surge como a única preocupação que se mantêm. Arendt concebe a descoberta da intimidade como uma “fuga do mundo exterior como um todo para a subjetividade interior do indivíduo, subjetividade esta que antes fora abrigada e protegida pela esfera privada” (ARENDR, 1987, p. 69). Para Contardo Calligaris, a modernidade ocidental se define como “uma cultura na qual se espera que do sujeito venha a organização do mundo (e não do mundo, a organização do sujeito)”. Esse protagonismo do indivíduo, de acordo com o pesquisador, redimensiona a sinceridade como um valor em si, em uma instância até mesmo hierarquicamente superior à verdade factual, numa clara valorização da intenção de ser sincero, autêntico. A escrita de si, portanto, adquire centralidade, seja ela em forma de diário ou de memórias: “falar ou escrever de si [...] é um dispositivo crucial da modernidade, uma necessidade cultural, já que a verdade é sempre e prioritariamente esperada do sujeito - subordinada à sua sinceridade” (CALLIGARIS, 1997, p. 45).

O paradoxo moderno é que a sociedade é fundada também naquilo que procura negar: o indivíduo é tomado como um “fato que mantém uma relação de igualdade com outros fatos iguais a ele”, no entanto, essa separação entre “fato” e “valor” por si só já demonstra que o indivíduo surge enquanto “valor” na modernidade: “ele já nasceu como valor encompassador, apesar de firmado na igualdade; como totalizador, apesar de nivelado e fragmentado”. Se na modernidade ocidental o espaço da totalidade é ocupado pelo indivíduo, nossa cultura também se caracteriza por “[ter] como religião justamente o que seculariza, des-magiciza, racionaliza”. Ora, neste caso, podemos citar como exemplo a própria literatura. Em nossos tempos, pode-se dizer que os escritos literários são, de tal maneira, cultuados e sacralizados, que chegam a ocupar um domínio que outrora foi exclusivo da religião, no sentido de “[tornar-se] uma espécie de ‘escritura’, e o escritor, assim como os deuses, torna-se um imortal, porque detém, indecifrável, um dom especial”. É no espaço literário que os indivíduos têm a chance de ensaiar operações para ressignificar e totalizar a realidade fragmentada, processo análogo ao que se dá com os leitores, no momento em que, na solidão da leitura, entram em contato com a “obra impressa, independente e solitária, [que] guarda em si uma totalidade secreta” (DUARTE apud ALBERTI, 1991, p. 6-7).

Destarte, é sob tal prisma que deve-se compreender a emergência da escrita de si no tempo presente, tanto no tocante ao aumento do interesse dos leitores pelo consumo de tais produções, como tendo-se em vista o empenho dos sujeitos em produzir suas próprias memórias, falar de si, construir algum canal de expressão para seus devaneios

e reminiscências, o qual, preferencialmente, possa funcionar como testemunho à posteridade. A prerrogativa desse tipo de escrita é a noção compartilhada de que “a vida se constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva”, ideia que o sociólogo Pierre Bourdieu ironicamente batizou de “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006, p. 84). Na modernidade, o ato autobiográfico, bem como o romance, “dá notícia [...] da profunda desorientação de quem vive” (BENJAMIN, apud: ALBERTI, 1991, p. 9). O indivíduo moderno tem na literatura, sobretudo nas produções autobiográficas, um espaço aberto para tentar conferir sentido à realidade, mais que isso, a folha em branco lhe oferece uma oportunidade de confrontar a fragmentação substancial que o mutila, e, por que não, de combatê-la, operando uma série de mecanismos de seleção, subtração e ênfase; no ato da escrita, enfim, o sujeito encontra a possibilidade de se constituir.

4 | UMA CONSTRUÇÃO DE SI AMPARADA NA “CARIDADE”

Se nos perguntarmos a respeito da motivação de Irmã Dubost em começar um diário de bordo concomitantemente ao enfunar de velas do “Estrela da Manhã”, a resposta para esta questão se relaciona, é claro, com a consciência que a freira devia ter do pioneirismo e da gravidade de sua missão, e o conseqüente desejo de deixar um registro escrito da empreitada. Todavia, se a irmã escreve, essa ação não pode ser desassociada da vitalidade da produção de si para o sujeito moderno, nem muito menos deve ser tomada apenas enquanto registro imparcial de episódios cotidianos. Como mecanismo de ordenação da realidade, o ato autobiográfico vem acompanhado de uma série de procedimentos característicos: omissões, acréscimos, adaptações. A produção autorreferencial da freira representa fonte privilegiada, portanto, para se investigar a construção da subjetividade feminina no período, ainda mais em se tratando de uma religiosa. Se a escrita feminina foi tradicionalmente relegada ao âmbito privado, limitando, em grande medida, a constituição de canais de expressão para o gênero, as mulheres religiosas, em particular, tiveram ainda menos possibilidades de serem ouvidas.

Dentre os processos de delimitações identitárias mobilizados pelo ato autobiográfico, o pertencimento da religiosa à congregação das Filhas da Caridade possui notável relevo. Observemos outro trecho do relato: ao aportar no Rio de Janeiro, a comitiva de religiosos é obrigada a passar algumas semanas no município, à espera dos preparativos da longa travessia a cavalo até Mariana. As freiras hospedam-se, então, com as “religiosas franciscanas, enclausuradas, com todas as suas Regras”:

Este mosteiro que era antigamente numeroso, conta hoje com 13 membros apenas, dos quais mais da metade idosas e enfermas que não podem assistir a nenhum exercício religioso. É para lamentar ver apenas quatro ou cinco religiosas cantarem os louvores de Deus neste vasto coro com suas cem cadeiras. Três ou quatro jovens

religiosas mostram-se muito aflitas com essa situação e desejariam acompanhar-nos. Asseguro-vos que nossa permanência nesta casa, longe de nos atrair para a vida enclausurada, ao contrário, faz-nos agradecer a Deus e bendizê-lo por nos ter escolhido para a pequena Companhia das Filhas da Caridade. (DUBOST, 1999, p. 40)

Fazer parte de uma organização um tanto quanto precursora no questionamento de alguns pilares da “vida religiosa” devia mobilizar um pertencimento institucional latente. O que parece prevalecer no ato autobiográfico de Irmã Dubost é a (re)afirmação dos valores mais caros à sua congregação religiosa, logo, apregoa-se que, se no ato da escrita o sujeito se constitui, a religiosa o faz amparando-se, sobretudo, em sua identidade de freira vicentina. É necessário que haja uma solidificada união das irmãs em torno dos princípios da confraria, até mesmo para se afastar a possibilidade do esvaziamento institucional das novas casas fundadas em locais distantes. Ademais, ao relacionar vida religiosa feminina ao esforço missionário, as Filhas da Caridade ampliam o espaço de atuação do gênero justamente em uma instituição reticente ao protagonismo de mulheres, o que favorece a integração e o estabelecimento de fortes laços grupais entre as vicentinas. De fato, ao diferenciarem-se de outras ordens religiosas, as freiras mantiveram-se fortemente unidas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-97, 1997.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro**: Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Conexões vicentinas: particularidades políticas e religiosas da educação confessional em Mariana e Lisboa oitocentistas**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEITE, Márcia Maria da Silva. **Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890-1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

NUNES, Maria José Rosado. **Vida religiosa nos meios populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ROCHA, Adair José dos Santos. **A educação feminina nos séculos XVIII E XIX: intenções dos bispos para o recolhimento Nossa Senhora de Macaúbas**. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana [AEAM] - Mariana/MG

Casa da Providência. DUBOST, Irmã, A bordo do “Estrela da Manhã”, Nov/1848 a fev/1849. Tradução de Irmã Celza Kubitschek de Figueiredo. 1999.

Casa da Providência. DUBOST, Irmã. Viagem por terra. Relatório enviado de Mariana, 15 de abril, ao nosso Diretor, Padre Aladael, Mar/1849 a Abr/1849. Tradução de Irmã Celza Kubitschek de Figueiredo. 1999.

Casa da Providência. DUBOST, Irmã. Chegada a Mariana. Relatório dirigido à Irmã Mazin, Superiora, Abr/1849. Tradução de Irmã Celza Kubitschek de Figueiredo. 1999.

ACP [Arquivo do Colégio Providência]

Conferências às Filhas da Caridade. PAULO, São Vicente de. Lisboa: Casa Central das Filhas da Caridade, 1952.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6



9 788572 474566